



PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO: A ESCOLA, O PROFESSOR E AS “ROSAS VERDES”

Vania Grim Thies
Universidade Federal de Pelotas
vaniagram@gmail.com

Joseane Cruz Monks
Universidade Federal de Pelotas
joseanemonks@gmail.com

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar aspectos do patrimônio histórico-educativo da narrativa (auto)biográfica nos diários manuscritos por uma mulher agricultora de 86 anos de idade. Esses manuscritos trazem relatos da autora sobre o trajeto percorrido até a escola, a arquitetura do espaço físico da mesma, o seu primeiro professor e sobre a materialidade de objetos de sua escolarização primária (1940). Os aspectos teórico-metodológicos estão baseados principalmente nos conceitos de cultura escolar e cultura material escolar, ancorados em autores como Escolano Benito (2017), Felgueiras (2015), entre outros. O artigo traz contribuições ao patrimônio histórico-educativo perpetuado, no caso dessa análise, pela memória e pela escrita presente nos diários analisados.

Palavras-chave: Diários. Cultura Material Escolar. Patrimônio Histórico-Educativo.

PATRIMONIO HISTÓRICO-EDUCATIVO: LA ESCUELA, EL PROFESOR Y LAS “ROSAS VERDES”

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar aspectos del patrimonio histórico-educativo de la narrativa (auto)biográfica en los diarios manuscritos por una mujer agricultora de 86 años de edad. Esos manuscritos presentan relatos de la autora sobre el trayecto recorrido hacia la escuela, la arquitectura de su espacio físico, su primer profesor y la materialidad de los objetos de su escolarización primaria (1940). Las dimensiones teórico-metodológicas de la pesquisa se basan principalmente en los conceptos de cultura escolar y cultura material escolar, de acuerdo con autores como Escolano Benito (2017), Felgueiras (2015), entre otros. Así que este artículo trae contribuciones al patrimonio histórico-educativo perpetuado, en el caso de este análisis, por la memoria y por la escritura presente en los diarios estudiados.

Palabras clave: Diarios. Cultura Material Escolar. Patrimonio Histórico-Educativo.



EDUCATIONAL HERITAGE: SCHOOL, TEACHERS, AND “GREEN ROSES”

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze aspects of educational heritage in (auto)biographical narratives from manuscript journals kept by an 86-year-old woman from a rural area. Those manuscripts include their author's account of her life until she started going to school, the architecture of said school, her first teacher, and material aspects of objects used for her primary schooling in 1940. This paper's theory and methodology are based mainly on school culture and material culture concepts from authors such as Escolano Benito (2017), Felgueiras (2015), and others. This paper contributes to educational heritage by analyzing memories and writings preserved in those journals.

Keywords: Journals. School Material Culture. Educational Heritage.

PATRIMOINE HISTORIQUE ET ÉDUCATIF: L'ÉCOLE, L'ENSEIGNANT ET LES "ROSES VERTES"

RESUME

Le but de cet article est d'analyser des aspects du patrimoine historique et éducatif du récit (auto)biographique présent dans les journaux manuscrits d'une fermière de 86 ans. Ils évoquent les expériences de l'auteur sur le chemin parcouru jusqu'à l'école et son architecture, son premier enseignant et les aspects physiques des objets de sa scolarité primaire (1940). Les aspects théoriques et méthodologiques sont axés principalement sur les concepts de culture scolaire et culture matérielle de l'école, appuyés sur les théories de Escolano Benito (2017), Felgueiras (2015), entre autres. Ce travail contribue au patrimoine historique et éducatif consolidé, dans le cas de cette analyse, par la mémoire et l'écriture présentes dans les journaux analysés.

Mots-clés Journaux. Culture matérielle de l'école. Patrimoine historique et éducatif.

INTRODUÇÃO

Um dia ele falou sobre flores e disse tem flores de todas as cores só não tem verde e eu disse a minha vó tem rosas verdes ele me olhou e disse o dia que a tua vó tiver rosas verdes traz uma¹. Essas frases escritas pela senhora Dalila revelam suas memórias da escola primária e o diálogo com seu professor na época (1940), quando questionada sobre as cores das flores. A

¹ A escrita foi mantida tal como registrada no diário, sem correções de ortografia e de pontuação.



narrativa (auto)biográfica² na forma escrita, mantida como foi manuscrita, revela os registros dessa senhora, mulher de 86 anos, agricultora aposentada, com pouca escolarização, que registra por escrito seu cotidiano diariamente desde o ano 2007, totalizando 28 cadernos diários.

O objetivo principal deste artigo é analisar aspectos do patrimônio histórico-educativo por meio da escrita (auto)biográfica apresentada nos diários escritos pela senhora Dalila entre os anos de 2007 a 2019³. Os diários, fontes desta pesquisa, são caracterizados como escritas ordinárias que, segundo Fabre (1993), são os registros que retratam os traços do fazer cotidiano, são escritas sem qualidade científica realizadas por pessoas comuns sem a preocupação de consagrar a sua obra. São também esses registros efêmeros, muitas vezes salvaguardados do fogo e do lixo (CUNHA, 2013), que a Nova História Cultural nos possibilitou problematizar como fontes⁴ na pesquisa historiográfica (CHARTIER, 1990), para compreender as práticas culturais como o caso aqui apresentado: a escrita de diários. O que permaneceu na memória de Dalila para que ela escrevesse em seu diário aspectos da escola e da sua aprendizagem da leitura e da escrita quase 80 anos depois? Escrita narrativa esta que mistura tempos cronológicos, não lineares, e diferentes aspectos de sua vida pessoal.

Dalila Schuch, uma mulher invisibilizada pelas cenas do trabalho rural, que nasceu em 28 de julho de 1934 em uma granja chamada Coronel Pedro Osório, em uma localidade da zona rural no interior do município de Pelotas/RS. Que teve três irmãos e duas irmãs. E que vive desde seu nascimento em localidades da zona rural desse município na região sul do Rio Grande do Sul. Aos oito anos vai para a escola, realiza o rito da confirmação⁵, aos 12 é impedida de dar sequência aos estudos devido às condições financeiras da família. Com 13 anos começa a trabalhar na lavoura auxiliando seus pais no sustento da família. Casa-se com Alcino aos 21 anos de idade, com quem

² Usaremos a terminologia narrativa (auto)biográfica respaldada pelas autoras Abrahão e Bragança (2020, p.17), dimensão epistemológica “como experiência formativa de (re)significação do vivido, na qualidade de dispositivo de autoconhecimento”, como é o caso das narrativas da senhora Dalila em seus registros nos diários de forma a pensar sobre o vivido e ressignificá-lo de maneira escrita.

³ Ressaltamos que a prática da escrita dos diários permanece sendo realizada após o período citado até a atualidade (novembro de 2020).

⁴ O artigo é resultado do Projeto de Pesquisa Cultura Escrita e Educação do Campo (Edital Universal 01/2016).

⁵ Nas vertentes do luteranismo era comum a saída das crianças da escola após o rito de passagem da confirmação para ajudar os pais na lavoura. “O tempo da confirmação marca a passagem para a vida adulta e para as escolhas que resultarão nas principais estratégias de reprodução deste campesinato. Após a confirmação o(a) menino(a) domina todo o saber técnico para seu trabalho na terra, pode se casar, ou optar pelo estudo, pois conhece toda a lei da vida e seus valores, podendo então a partir desse saber moral e técnico traçar um dos vários caminhos que permita a continuidade do modo de vida camponês” (BAHIA, 2001. p. 77).



teve oito filhos. Atualmente somam-se à família 15 netos e 12 bisnetos. Trabalhou durante toda sua vida em atividades agrícolas, aposentando-se aos 58 anos de idade.

Ao referir-se à data da aposentadoria, escreve em seu diário: *pra ter descanso me aposentei 21-8-1992 foi o dia mais feliz da minha vida*⁶. Pela escrita pode-se perceber o quanto o trabalho na lavoura aliado aos serviços da casa foi bastante exaustivo à Dalila. Essa mulher, agricultora, mãe, avó e bisavó, manteve maior regularidade de escrita a partir de 2007 e desenvolveu peculiaridades com relação à essa prática. Na próxima seção deste artigo descreveremos a forma de constituição desta prática de escrita no diário e, posteriormente, analisaremos o patrimônio histórico-educativo constituído a partir da escrita (auto)biográfica das memórias escolares da senhora Dalila. Por fim, tecemos as considerações finais do artigo.

“CADERNOS PRESENTE”: ESCREVER PARA NÃO SER ESQUECIDA

Podemos presumir que a aprendizagem inicial da escrita de Dalila aconteceu de forma sistematizada no contexto escolar, na década de 1940, com seu ingresso aos 8 anos de idade na escola comunitária da Colônia Osório, à época, no interior do município de Pelotas/RS. Logo, por seus escritos, percebemos que a prática da escrita esteve adormecida por longos anos e é retomada de forma sistemática, diária e intensa no ano de 2007, ou seja, quase 80 anos depois, quando ganha um caderno de presente e organiza nele seus registros diários.

Anteriormente a 2007, os registros manuscritos eram organizados em folhas soltas, não apresentavam uma sequência e continham informações sucintas sempre referentes à família, como se montasse uma genealogia na qual apresentava nomes, datas de nascimento e de morte de seus familiares.

A escrita em folhas soltas foi observada por uma de suas netas, aspecto que motivou a mesma a presentear Dalila com seu primeiro caderno. Observa-se pelo excerto da dedicatória, escrita na primeira página, que este foi um presente inusitado: *espero que gostes do presente, eu nunca imaginei que iria lhe dar um caderno mas sei que vai gostar* (P. V. F, 2007). Presentear uma senhora com um caderno não parece, conforme indicado na escrita da neta, algo comum ou corriqueiro. Na dedicatória de abertura também há uma certa orientação para escrita futura de

⁶ Todos os excertos escritos em itálico representam tal qual a escrita da diarista. Respeita-se, neste sentido, sua grafia e pontuação originais.



Dalila: *Escreva tudo o que sente, seus sonhos, suas alegrias, suas tristezas, coisas engraçadas, amigos, visitas, tudo por que será uma lembrança para sempre* (P. V. F, 2007).

Tal como afirma Perrot (2005, p. 39), “os modos de registros das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade [...] é uma memória do privado, voltada para a família e para o íntimo, aos quais elas estão de certa forma relegadas por convenção e posição”. Estar na condição de avó e neta é estar na condição feminina de preservar a memória familiar entre as gerações, tal como referido pela neta, *uma lembrança para sempre*. Desta forma Dalila orienta sua escrita de modo bastante sucinto no início, mas que vai paulatinamente sendo acrescido com descrições detalhadas de fatos e acontecimentos que permeiam seu dia a dia no contexto da zona rural.

Em entrevista⁷ dialogada realizada com a senhora Dalila nos dias 24/04/2020 e no dia 27/04/2020, ela reconhece que quando começou a escrever nos cadernos, no ano de 2007, a escrita era diferente, conforme afirmou: *eu escrevia diferente... era menor, era diferente* (Dalila, 2020). A forma de escrever “diferente”, referida por Dalila é relacionada tanto à organização espacial no caderno (número de linhas ocupadas) quanto ao conteúdo descrito (temas referidos a cada dia). Depois de quase oito décadas, retomar a prática de escrever no caderno foi como uma nova aprendizagem de conhecimentos espaciais desse suporte de escrita e do utensílio de escrita.

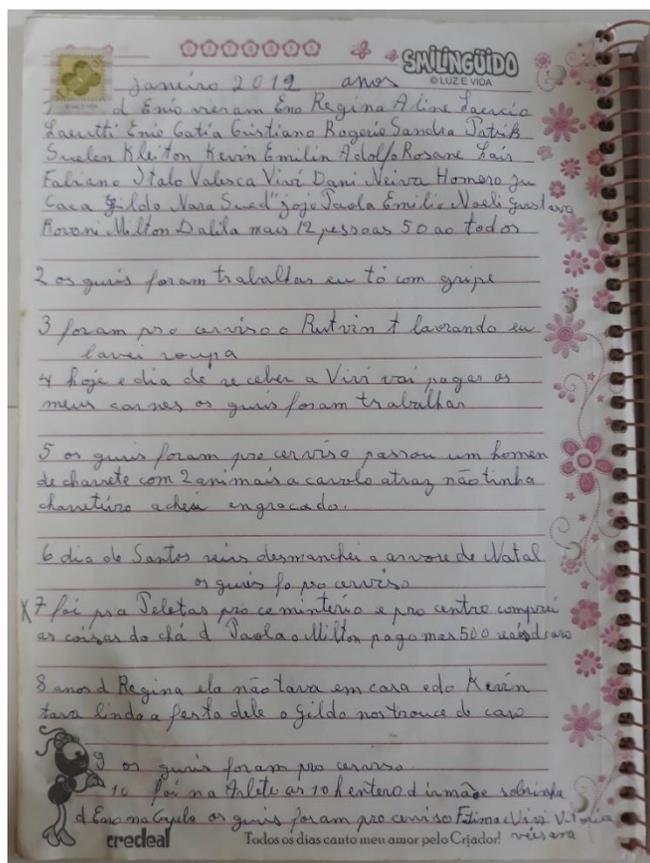
O primeiro diário escrito por ela condensa nas suas 94 folhas⁸ os escritos do período compreendido entre janeiro de 2007 a dezembro de 2011. As escritas que compõem esse caderno diário são múltiplas, de caráter e contexto familiar, social, cultural e religioso. Há uma determinada organização do espaço de escrita que foi previamente pensada, pois há um número específico de linhas para cada dia. No entanto, no diário que inicia em janeiro de 2012 já é possível verificar que não há um de número de linhas padrão para escrita, não condicionando o texto a ser redigido a uma quantidade de linhas pré-estabelecidas. Com o passar dos anos, a diarista vai abandonando determinados padrões e incorpora certa instabilidade quantitativa na escrita, visto que em alguns dias registra em apenas 1 linha, e em outros preenche 4 ou 5 linhas. Isso pode também ter relação com a especificidade do acontecimento narrado ou mesmo com o tempo dispensado para a escrita. A figura 1, é um exemplo da variável em relação ao número de linhas ocupadas com a escrita.

⁷ Uma das autoras do artigo tem laços familiares com a senhora Dalila. São conversas informais nas quais neta e avó conversam sobre a vida e as vivências, trocam experiências, e assim, desta forma dialogada, foi possível apreender alguns aspectos sobre a prática de escrita diária.

⁸ Caderno em formato 203x280mm (espiral) com 96 folhas e 32 pautas.



FIGURA 1 - Diário 2, (jan., 2012).



Fonte: Acervo privado.

A partir do suporte utilizado e dos aspectos gráficos particulares da escrita da senhora Dalila percebemos que o caderno permite, perpassa, condiciona a produção da cultura escrita fora do contexto escolar. Possivelmente porque o caderno foi uma produção pensada (não exclusivamente) para a escola, mas como artefato produzido para o ensino, aprendizagem e exercício da escrita. Neste sentido, o caderno guarda uma infinidade de possibilidades de usos fora do contexto escolar (THIES, 2020), tal como é o caso analisado aqui: o uso da materialidade do caderno como suporte do gênero diário.

Ao caderno é atribuído o sentido de guardião da memória da diarista, ele arquiva e guarda em suas folhas uma escrita sensível dos aspectos do cotidiano, das aflições e amarguras, das alegrias e das tristezas, das conquistas, das atividades e afazeres da vida da diarista, bem como assegura a memória de uma coletividade familiar, visto que em diferentes momentos a escrevente registra datas importantes e fatos que envolvem as questões referentes aos integrantes da família.



As características físicas dos cadernos regulam a organização da escrita pelo número de linhas e pelas margens das folhas, no entanto percebemos algumas intervenções organizacionais da escrevente em diversos momentos, tais como transcender margens, dividir linhas, enumerar páginas, entre outras maneiras de usar o caderno. Isso parece possível a partir do uso diário e constante, transcendendo a escrita como regra e passando a recriar outros espaços no caderno, tornando-o o seu confidente por meio da palavra escrita.

A partir da elaboração do primeiro diário no ano de 2007, a senhora Dalila não parou mais de escrever. Acreditamos, por evidências materiais e diálogos familiares, que a prática da escrita diária, iniciada a partir do momento em que é presenteada com um caderno, tenha desencadeado a constituição de outra prática: a reprodução manual de seus diários. Para cada caderno finalizado com a prática da escrita diária, a senhora Dalila o reproduz por meio da cópia manuscrita e o entrega para algum familiar. Totalizam, atualmente, 28 cadernos, sendo que até o momento são 3 os diários escritos primeiramente dia a pós dia, na escrita dos fatos e acontecimentos vivenciados, e outros 25 relativos ao número das reproduções manuscritas dos primeiros escritos. Pelo número de cópias, um mesmo diário pode ter sido reproduzido mais de uma vez. Essas cópias foram distribuídas entre a irmã, os filhos, os netos e os sobrinhos. Uma das cópias está salvaguardada no centro de memória e pesquisa Hisales⁹, e foi doada especificamente para o acervo das escritas pessoais e familiares devido à natureza do material.

Denominamos essa reprodução, a partir de sua materialidade, como “cadernos presente”, pois “[...] uma leitura cultural das obras lembra que as formas como são lidas, ouvidas ou vistas também participam da construção de seu significado” (CHARTIER, 2017, p. 36). Entendemos que a escrita de cada diário, bem como a cópia de cada um, revela um sentido para a senhora Dalila a partir de como ela gostaria de ser lembrada e por quem. Da mesma forma, entende-se, a partir da perspectiva de Chartier (2002; 2017), que “[...] é necessário recordar vigorosamente que não existe

⁹ O Hisales - História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – é um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que contempla ações de ensino, pesquisa e extensão. Sua política é fazer a guarda e a preservação da memória e da história da escola. Trata-se de um arquivo especializado nas temáticas da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares, constituído de diferentes acervos. O Hisales está localizado no Campus II – UFPel, Rua Almirante Barroso, 1202 - Sala 101 H, CEP 96.010-280 - Pelotas/RS. Mais informações a respeito do Hisales, dos acervos, das ações de ensino, pesquisa e extensão, podem ser vistas via *internet*, no *site* (<http://www.ufpel.edu.br/fae/hisales/>) e no perfil na rede social *Facebook* (Hisales).



nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor” (CHARTIER, 2002, p. 127).

Assim, por seu contexto de produção e reduzida circulação, os “cadernos presente” são dessa forma compreendidos, pois são escritos diários, de uma narrativa (auto)biográfica, que assumem uma forma peculiar tanto de produção (escritos manualmente por uma senhora de 86 anos), de circulação (entre os familiares) e de suporte (cadernos industrializados).

Assim, acerca da escolha pelo termo “caderno presente”, primeiramente nos referimos à materialidade física do material, cadernos industrializados geralmente com espiral; e, em seguida, ao aspecto afetivo, pois o artefato assume aqui a configuração de uma relíquia que possivelmente revela o quão “presente” ela ainda será na vida de todos, mesmo quando a diarista não estiver mais aqui. Em alguns dos “cadernos presente” se observa a companhia das folhas soltas escritas antes da regularidade da escrita no caderno, já mencionadas no texto.

Caracterizando-os como “cadernos presente”, corroboramos com a premissa de “que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor” (CHARTIER, 2002, p. 127). Assim, entendemos que a compreensão desses escritos será distinta para cada leitor, não só pela descrição proposta pelo referido autor (texto, suporte e contexto), como também pela subjetividade afetiva entre o leitor e o caderno presente, expressos pela e na relação afetiva entre autor, leitor e suporte.

A partir desses “cadernos presente” podemos identificar uma escrita (auto)biográfica mais densa e pontual, pois até o momento nos diários convencionalmente escritos dia após dia, Dalila se restringe aos fatos e aos aspectos do cotidiano. Já em alguns dos “cadernos presente”, embora sejam cópias dos diários, a diarista se permite nas primeiras páginas descrever a sua autobiografia, para além da escrita regular de cada dia, na qual ela sintetiza aspectos da vida mesclando o passado e o presente.

A escrita (auto)biográfica verificada em alguns “cadernos presente” apresenta estrutura semelhante e informações convergentes. A seguir, um excerto de um dos “cadernos presente”, no qual ela escreve fatos de sua vida desde o nascimento, nomeia seus familiares e dialoga num paralelo escritural entre o presente e futuro. Podemos, a partir do excerto, responder questões diretas, como por exemplo: Quem é Dalila? Como ela define e apresenta sua trajetória de vida? Quais aspectos menciona? Como organiza essa escrita? Essas são algumas questões que podem ser



identificadas e compreendidas a partir de sua escrita (auto)biográfica.

[...] meu nome Dalila Schuch, nasci em 28 de junho de 1934 na granja Coronel Pedro-Osorio meu pai trabalhava como empregado la eu tinha 26 dias quando teve a primeira festa do colono meus pais foram comigo a festa dançaram a noite inteira e eu no colo de uma amiga da minha mãe que foi minha baba naquela noite hoje tenho 84 anos nunga mas foi uma festa do colono pena que não tenho recordação disto tenho 3 irmãs e dois irmãos Meus avós paternos Germano Schuch e Clara Klulen Schuch e avós paternos Gustavo Wulff e Ema Ruch Wulff moramos quatro anos na granja depois meu pai se mudou para Colonia Osorio comprou uma terra la era pouco ele plantava e trabalhava na granja do Ervino Tesman aos 8 anos entrei no colegio [...] (Dalila, 2019).

O pequeno excerto privilegia informações acerca da genealogia da família de Dalila, indicando a data de seu nascimento e a idade que tinha quando o escreveu no diário, fornece indícios da profissão dos pais, onde e como trabalhavam e do número de componentes da família. Pode-se observar a forma como organiza a escrita, pois não utiliza pontuação em nenhum momento, aspecto peculiar de sua escrita e de alguém que não pôde continuar os estudos.

Ao final do excerto transcrito, Dalila indica que com 8 anos entrou no colégio e este é o ponto abordado na próxima seção: a memória escolar como patrimônio histórico-educativo verificada na narrativa (auto)biográfica nos seus diários.

A ESCOLA, O PROFESSOR E AS “ROSAS VERDES”

As memórias (auto)biográficas escritas por dona Dalila e registradas nos “cadernos presente” relembram os caminhos que levavam à escola, os espaços, os prédios, os bancos escolares, o vestuário, os objetos e os utensílios, referem-se e revelam aspectos sob diferentes elementos constitutivos da cultura escolar de forma geral. Por meio destas narrativas escritas é possível perceber pistas, indícios da materialidade de um contexto escolar particular, do início dos anos 1940, das escolas isoladas, que historicamente estruturaram o sistema educacional brasileiro. Pelos registros é possível perceber características sobre as disciplinas, as práticas educativas, os rituais, os tempos e a própria constituição da escola.

A forma como inicia a narrativa da trajetória escolar é distinta: *Vou contar minha vida na escola* ou *aos 8 anos entrei no colégio*. Ao escrever que iniciou os estudos com oito anos de idade, descreve a realidade de um longo período da escola primária no Brasil, possivelmente resquícios das aulas régias [...] *comecei o estudo na casa da minha tia Erna na época não tinha escola os pais*



pagaram uma pessoa para ensinar as criacas [crianças]. Fica evidente que na localidade em que a diarista vivia, zona rural do município de Pelotas/RS, ainda não havia a disponibilidade de prédios que alocassem uma escola, surgem questionamentos sobre a estrutura do sistema educacional da época e o contexto social, visto que a família é de origem alemã, esses aspectos necessitam de uma investigação mais profunda.

Relata inicialmente que *seus tempos de escola* eram bem difíceis, *tinha que sair no escuro eu não tinha outros alunos perto era uma hora e meia de a pé*. A escola ficava longe de sua casa e não havia outras crianças para acompanhá-la, então ia sozinha com apenas oito anos de idade. Registra, ainda, nesta parte inicial de sua vida na escola, sobre *um atalho* que usava para encurtar o caminho até a escola, sobre a cerração, fenômeno natural típico do inverno gaúcho e sobre o casacão com gola de lã de ovelha.

Escolano Benito (2017) assegura que ao nos referirmos ao conteúdo da memória “o primeiro aspecto que os sujeitos tendem a recordar em relação à sua passagem pela escola, são os cenários nos quais esse processo se desenvolveu” (p. 186). Os registros da memória de dona Dalila refletem sobre um cenário que conduzia à escola, apresenta com detalhes os caminhos percorridos para chegar até lá, perigosos para uma criança de oito anos, retratando as dificuldades que enfrentava para adentrar ao contexto da escola: *era longe cruzava num atalho cheigava no colegio molhado até a cintura no inverno frio quando cheigava em casa a minha roupa ainda tava molhada depois arumei um colega de aula e mudei o caminho só que tinha um arroio pra atravessar com agua a meia canela todos os dias quando enchia o arroio nos passava nos fio do arame mas pelo menos eu não tava só* (Dalila, 2018).

O registro escrito da árdua tarefa de chegar até a escola não pode ser ignorado, pois percebe-se que subjetivamente e fisicamente era, de fato, um primeiro desafio e afetava Dalila sobremaneira. No entanto, naquele período, ela não dimensionava as dificuldades de acesso à escola, pois como destaca por mais de uma vez na escrita *eu gostava muito de estudar*.

Com relação ao cenário escolar propriamente dito, seus escritos revelam aspectos arquitetônicos e sobre o prédio escolar, primeiro descrevendo o empréstimo da casa da tia Erna para abrigar a escola. Logo, quando a escola passa a ter outra localização física descreve que *A escola era na cemana escola e nos domingos Igreja [...]*, outro aspecto característico da educação no Brasil, principalmente nas regiões de imigrantes, como era o caso da família da senhora Dalila,



eram as chamadas escolas étnicas ou escolas comunitárias (KREUTZ, 2010) mantidas por congregações religiosas.

Na narrativa escrita, outros aspectos com relação à estrutura física aparecem, como, por exemplo: a sala de aula única para todas as séries e a ausência de banheiros, ambos características comuns à época para escolas isoladas [...] *banheiro não tinha fasia chichi no mato quando ia um menino não podia ir uma menina* (Dalila, 2017).

A descrição dos espaços físicos da escola baseada na memória desta aluna é importante, pois podemos compreender e dimensionar as realidades escolares de um outro período com base no olhar infantil de quem adentrou aqueles espaços durante sua própria trajetória escolar. De fato, é uma outra forma de revisitar os prédios que acomodavam as escolas, visto que à época e pela localização os registros imagéticos eram praticamente inexistentes.

Logo, destacamos a importância da narrativa (auto)biográfica como recurso memorialístico para adentrar os espaços escolares do passado por meio das lembranças relativas aos objetos que caracterizavam estes espaços, aspecto já inúmeras vezes abordado por autores como Felgueiras (2015) e Escolano Benito (2017) em suas pesquisas. A materialidade dos objetos é viabilizada pelas memórias dos sujeitos, dos seus tempos e espaços escolares, pois “no que diz respeito aos sujeitos, a passagem pela escola é um marco integrado no processo de construção ou de reconstrução de sua própria identidade narrativa” (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 177). Logo, há “a assunção da materialidade como uma perspectiva muito produtiva na compreensão do processo educacional e como meio de chegar aos actores de uma forma inesperada, mediada pelos objetos” (FELGUEIRAS, 2015, p. 170).

Ainda referindo-se à memória, Escolano Benito (2017) salienta que:

[...]ela assume um papel determinante na construção “cultural” dos sujeitos que se educam, dos espaços destinados a abrigar sua formação, dos tempos em que se articulam os ritmos ritualizados da vida das instituições educativas, bem como dos conteúdos e modos com se regula a sociabilidade pedagógica e o próprio governo da escola. A memória, definitivamente, é um componente estruturador de toda a cultura da escola, e esta, por sua vez, da construção da subjetividade. Justamente por isso, os exercícios relacionados com a recordação do passado biográfico, no que se refere à etapa da escolarização obrigatória, assumem um papel tão significativo na consolidação do relato narrativo da vida das pessoas e do imaginário coletivo. (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 185).



Nos registros manuscritos de Dalila, na escrita narrativa sobre a escola, sua memória não diz só de si, mas relata os aspectos de um contexto e de uma coletividade, ambos relativos ao patrimônio histórico-educativo de certo período, constitutivo de determinada cultura escolar e de uma cultura material escolar ímpar que inculcou determinados padrões, pois, como destaca Escolano Benito (2017), estes espaços exercem um papel de formação nos padrões corporais e se configuram como experiências iniciais de sociabilidade que são essenciais na estruturação da memória biográfica.

Ao referir-se ao ambiente interno da escola, a sala de aula, de imediato Dalila caracteriza os móveis que compunham o espaço (carteiras, bancos e mesa do professor), conforme escreveu: *os moves eram clases grandes pra 4 alunos centarem pois era um professor para 5 turmas e uma mesa e uma cadeira pro professor [...] os meninos num lado e as meninas do outro lado e tinha um corredor no meio* (Dalila, 2017). Pela descrição é possível perceber a proposta de organização espacial da sala de aula, ou seja, duas filas uma para as meninas e outra para os meninos.

A observação referente ao tamanho das classes de madeira que, segundo o registro das memórias de Dalila, eram para quatro alunos sentarem-se, remete a questões sobre este móvel denominado de carteira escolar. Neste caso, é necessário refletir se as carteiras haviam sido projetadas para esse número específico de crianças, se era uma forma de administração do professor para acomodar as crianças ou, ainda, se possivelmente o mobiliário pertencia à igreja e era compartilhado com a escola nos dias de semana.

Assim, observamos que pelo registro narrativo da memória também é possível desvendar aspectos da constituição dos espaços e mobiliários escolares. Entendemos que o mobiliário é imprescindível para a constituição de um contexto escolar, pois as carteiras, as cadeiras e a mesa do professor “garantem certa uniformização estética” ao espaço (SILVA; PETRY, 2012, p. 156).

Entre as várias lembranças relativas à escola, a senhora Dalila rememora um dos atores centrais no contexto escolar, lembrando de seu professor. Relata sobre alguns conteúdos que o professor ensinava, conta com detalhe o episódio das rosas verdes, lembra do nome dele *Villi Richel*, e acrescenta: *o professor ensinava muito sobre o corpo humano e tinha que saber tudo de cor* (Dalila, 2017).

Os excertos a seguir explicitam uma das situações de fala do professor, e foram observados em dois dos “cadernos presente”, ambos em cópias manuscritas. O primeiro, data do ano 2017 e apresenta a escrita mais resumida em relação aos objetos escolares, tal como o excerto que segue:



[...] um dia ele falou sobre flores e disse tem flores de todas as coresó não tem verde e eu disse a minha vó tem rosas verdes ele me olhou e disse o dia que a tua vó tiver rosas verdes traz uma e não deu outra cheguei e disse para mãe vou lá na vó ver se ela tem rosa verde foi e tinha ela me cortou o boquei mais lindo da roseira e eu foi feliz cheguei e soltei minha bolsa e levei a rosa para ele ele olhava pra rosa e disse vou levar pra minha mãe ele achou que eu tava mentindo mas era verdade (Dalila, 2017).

O segundo, do ano de 2018, apresenta o mesmo episódio, porém, com alguns detalhes a mais em relação ao material escolar:

[...] um dia o professor falou sobre flores e disse que tinha varias cores d flores só não tinha verde e eu disse tem rosa verde na casa da minha avó o profesor olho pra mim e respondeu quando tiver rosa verde na casa da tua avó me traz uma pra eu ver só que ele não sonhava que no outro dia eu ia levar a rosa pra ele cheguei em casa almocei e disse pra minha mãe vo la na avó pedir para ela uma rosa verde pra eu levar pro professor ela me deu um boquei bem lindo cheguei na aula entrei e soltei minha bolsa com o material escolar e leve a rosa pro professor Vili Richel ele fico todo tempo d aula olhando pra rosa e disse está eu vou levar pra minha mãe acho que até se esqueceu d aula [...] (Dalila, 2018).

Os excertos transcritos acima, semelhantes à um relato oral, rememoram a mesma situação: o caso das rosas verdes. O primeiro excerto é mais direto e o segundo tem o acréscimo de alguns detalhes como, por exemplo, quando descreve a bolsa, que na primeira escrita é somente definida como bolsa e na segunda escrita é a bolsa com material escolar. Há, neste sentido, a percepção de que o exercício da memória, no caso, por meio da escrita, desencadeia novos detalhes a cada versão. É possível perceber que Dalila, enquanto aluna, tinha uma bolsa na qual carrega seus materiais escolares, os quais ela descreve em outro momento.

A situação transcrita acima permeia as relações entre aluna e professor e como apresenta Escolano Benito (2017) “um conteúdo essencial da memória é a imagem que conservamos dos professores que intervieram em nossa formação, personalizada no perfil de cada um dos docentes, mas simultaneamente estereotipada como imaginário dos professores de uma época” (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 194). Possivelmente as relações estabelecidas entre aluno e professor, à época, caracterizavam-se pela submissão ao mestre e autoritarismo do mesmo. Porém, é perceptível, mesmo assim, um certo tom de desafio por parte da aluna ao professor, afinal, as rosas verdes



realmente existiam, fato comprovado pela então aluna Dalila. O fato é que em relação as memórias sobre o professor, Dalila conserva boas lembranças.

Pelos registros (auto)biográficos escritos nos “cadernos presente” é possível também contemplar aspectos relacionados à forma de organização das aulas, ou seja, parte da rotina da semana, quais os objetos e instrumentos eram utilizados na escola no processo de aquisição da leitura e da escrita, em especial os de escrita, e também a descrição dos aspectos relativos à práticas escolares, como o recreio, as festividades e o castigo. Todos os temas abordados por Dalila referem-se a diferentes aspectos que constituem a cultura escolar, amplamente discutidos por Escolano Benito (2017), Viñao Frago (1995), Vidal (2005; 2017), Felgueiras (2005) entre outros, que problematizam em suas pesquisas questões sobre a constituição da cultura da escola. Desta forma, os registros escritos de dona Dalila contribuem para pensar sobre a constituição da cultura da escola de determinado período histórico. Essa possibilidade está fortemente marcada na/pela memória da aluna primária, que a explicita em particularidades dos rituais, dos tempos e dos espaços da escola.

Com relação à organização das aulas, Dalila escreve sobre a oração diária, realizada no início e no final das aulas, sobre as aulas de educação física, que ocorriam uma vez por semana, sobre as aulas de desenho que ocorriam aos sábados - *os sábados era dezenho eu adorava* (Dalila, 2017). Descreve os recreios e aponta, brevemente, que meninos e meninas podiam brincar juntos, visto que se sentavam separados na sala - *brincavam todos juntos de ceda e jogo de bola* (Dalila, 2017). Sobre o castigo, não menciona quais situações eram deflagradoras e atenta para o fato de que o castigo era: *parar em pé na classe e davam com uma vara*.

Ao escrever sobre as aprendizagens seus registros são sucintos, mas revelam algumas ações referentes ao processo de ensino da época, no qual os alunos tinham que decorar os conhecimentos, *tinha que saber tudo décor* (Dalila, 2017), ou seja todas as lições que o professor ensinava tinham de ser memorizadas, aspecto compreensível se consideramos o suporte de registro utilizado na época (ardósia). Refere-se, também, ao seu próprio processo de aprendizado destacando sua facilidade de aprendizagem: [...] *eu aprendia tudo fácil no cegundo ano ele*, (referindo-se ao professor) *quis me passar para o terceiro ano ai ele fez um ditado mas não deu eu tive muitos erros* (Dalila, 2018).

Dentre os registros da senhora Dalila sobre os objetos e os instrumentos utilizados na escola, destacamos a descrição dos materiais para ensino da escrita, os quais ela menciona relacionando-os com as séries específicas que os utilizavam: *Para a primeira e cegunda cerie era uma pedra*



que nos escrevia o professor corrigia e se apagava, 3ª serie escrevia com lápis e boracha e a 4ª e 5ª com tinta, caneta de pena e mata borom (Dalila, 2017). O registro sobre a diferenciação no uso dos materiais para a escrita, distintos por série, chama a atenção. A pedra descrita por Dalila tratava-se da ardósia¹⁰, um artefato utilizado pelas mãos ainda pouco habilidosas na aprendizagem da escrita e, portanto, destinado apenas para primeiras séries (1ª e 2ª). Já na 3ª série, poderiam usar o lápis, a borracha e possivelmente o caderno (embora esse não seja nomeado em seu registro). Já para a 4ª e a 5ª série, eram destinados a caneta tinteiro e também o mata borrão, aspecto atribuído ao fato de a aprendizagem da escrita já ter sido consolidada e as mãos, via de regra, mais treinadas, teriam facilidade para o manuseio da tinta e/ da caneta para a escrita no papel.

De modo muito semelhante ao registro da senhora Dalila e a escola que frequentou ainda na primeira metade do século XX, em meados de 1940, Hébrard (2001) destaca a aprendizagem da leitura e da escrita no século XIX e XX na França, afirmando que:

São necessários, enfim, os instrumentos que possam permitir a escolarização dessa aprendizagem que durante muito tempo foi artesanal, limitada à relação dual do mestre com o aprendiz: tal será o papel da ardósia e do quadro negro para os iniciantes; ou o caderno para os que já têm a mão mais treinada; e também, a partir de 1860, o papel da pena metálica que libera mestres e alunos da servidão limitadora da pluma de ganso. (HÉBRARD, 2001, p. 117).

Sobre os materiais de leitura, Dalila registra em sua narrativa que cada série tinha seus livros para ler, *todos em brasileiro* e que a leitura era realizada todos os dias. Porém, não descreve nenhum em específico e tão pouco lembra dos títulos. Em conversa dialogada com Dalila, após a escrita no caderno presente e a sua respectiva doação ao centro de memória e pesquisa Hisales, a diarista diz que lembra de um livro pequeno que continha os estados e as respectivas capitais, o qual ela gostava de ler. Ou seja, percebe-se que a possibilidade de leitura, a princípio, se constitui no âmbito escolar e foi valorizada pela aprendente Dalila.

Ainda pensando sobre a leitura, é possível extrair dos fragmentos de sua escrita aspectos relacionados a leituras de cunho religioso, quando relata as festividades de natal que a escola organizava, o que era realizado em parceria com a igreja visto a relação não só física de ocupar o

¹⁰ No centro de memória e pesquisa Hisales é possível verificar, em exposição permanente, os artefatos nomeados pela senhora Dalila, tais como ardósia, mata borrão, caneta tinteiro, entre outros.



mesmo espaço, mas também cultural entre as duas instituições (escola-igreja). Lembra, também, e registra seu primeiro verso de natal, organizado em quatro estrofes com seis versos cada.

Atualmente sabe-se do gosto da diarista pela leitura. Em tempos idos, foi observado inúmeras vezes¹¹ a senhora Dalila lendo a bíblia e o jornal “O Recado¹²”, editado pela Cooperativa Sul-Rio-Grandense de Laticínios Ltda. (COSULATI), o qual ela recebia mensalmente porque era distribuído todo mês aos associados produtores de leite. Atualmente sua relação com a leitura é bastante regular, tanto pela leitura intensiva da Bíblia (CHARTIER, 2000), como também, pela leitura de livros emprestados pelas netas e pela leitura e releitura de seus diários. Neste sentido, é notável que, apesar da pouca escolarização, há uma prática de leitura e de escrita cotidiana e diária.

Outros elementos perceptíveis na escrita de Dalila são relativos ao vestuário, sobre o qual ela destaca aspectos positivos e negativos, referindo-se aos episódios nos quais as peças de roupa são desencadeadoras da melhor lembrança e de algo que ela não gostava na escola. Como algo que ela não gostava na escola, sua memória refere-se às roupas que tinha de usar: *Eu não gostava das roupas que eu tinha que usar me chamavam de vovo e de ovelha isto me irritava. [...] vestido até meia canela e casacão de gola de lã de ovelha.* (Dalila, 2017). Segue contando que *todos riam de mim... vem chegando a ovelha e eu chorava para não rir de mim.* Percebe-se os sentimentos gerados nesses episódios, a irritação e a tristeza. Com essa descrição podemos perceber a angústia e o sofrimento que esse momento lhe causou, e revela a estratégia por ela utilizada para evitar os comentários, pois escreve *eu tirava o dito casacão e deixava pendurado na arvore e na volta pegava e ia para casa com meu casacão* (Dalila, 2017).

Sobre a melhor lembrança, também despertada por uma peça de vestuário, a diarista refere-se aos uniformes utilizados principalmente em dias de festividades do dia 7 de setembro [...] *todos com uniforme igual era muito lindo pena que na epuca não tiravam foto para ter uma recordação.* Essa boa lembrança talvez se explique pelo fato de que a utilização do uniforme padronizava a vestimenta e ela não se sentia menosprezada pelos colegas.

De fato, os uniformes escolares são, historicamente, carregados de simbolismos, como a padronização de gênero, o pertencimento a determinada instituição, etc. Assim, [...] carregam significações sociais e culturais de seu tempo e contexto e posicionam os sujeitos num jogo no qual o esperado é, justamente, que logo se identifiquem com determinados modelos (BECK, 2014,

¹¹ Pelo vínculo familiar com uma das autoras deste artigo.

¹² Jornal impresso e virtual disponibilizados aos associados da Cooperativa. Disponível em: <http://www.cosulati.com.br/site/content/cosulati/index.php>.



p.138). Não abordaremos essas discussões. No entanto, reconhecemos que os uniformes contribuíram e são parte da cultura da escolar, evidenciados neste momento pelas memórias manuscritas de dona Dalila.

Por fim, a diarista relata como pior lembrança a do dia em que foi retirada da escola, ao final do último ano da escola primária, e não pôde dar sequência aos estudos: *novembro me tiraram da escola deixar os colegas o professor já tinha feito uma apresentação pro natal e não ir mais pro colégio isso foi muito difícil*. Dalila foi retirada da escola muito possivelmente após o ritual de confirmação, quando passou a assumir novos papéis na família, ajudando no trabalho da roça e demais afazeres domésticos destinados às mulheres.

A saída repentina e contra a sua vontade, determinada por fatores culturais, familiares e econômicos, não minimizou a importância do período escolar em sua vida. Lembra com saudosismo desse tempo e essas lembranças auxiliam a compreender aspectos relativos à cultura da escola e à cultura material escolar da época. Ao ser retirada da escola as relações com as práticas de escrita e leitura foram encurtadas, mas não rompidas. Ficaram adormecidas e despertaram quase oito décadas depois de forma sistemática, diária e intensa, através da escrita dos diários e da reprodução manuscritas dos “cadernos presente”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dalila Schuch: 86 anos, mulher, agricultora, mãe, vó e bisavó. Uma pessoa comum, invisibilizada pelas cenas do trabalho na roça durante a sua vida inteira. Com uma breve passagem pela escola e 28 diários manuscritos, entre a produção de registros rotineiros e as cópias manuscritas delas realizadas para presentear familiares, como uma forma de perpetuar a sua memória, escrevendo para ser lembrada. Sua escrita na forma de narrativa (auto)biográfica permanecerá disseminando a cultura material escolar, como outras formas de escrever a historiografia, com novas fontes dando voz e vez para as escritas ordinárias realizadas em seu cotidiano rural.

Sentimos que muito ainda podemos investigar pelos registros manuscritos da senhora Dalila, inúmeros aspectos da história de vida desta mulher (a família, a cultura, a política, a religião, a economia entre outros) poderiam ser problematizados, e com certeza contribuiriam com diferentes linhas de pesquisa. No entanto, priorizamos em entender a constituição da prática de



escrita dessa mulher explorando pelas memórias (auto)biográficas as lembranças dos tempos de escola e dando enfoque ao que se configura como patrimônio histórico-educativo.

Assim, muitos conhecerão sobre a escola no início do século XX pelas suas escritas, registradas em cada “caderno presente”, não só pelo episódio da aluna que desafiou o seu professor com as rosas verdes, mas também pela narrativa de um patrimônio histórico-educativo rememorado com tanta lucidez a partir de sua experiência com a cultura escolar e a cultura material escolar, quase 80 anos depois de ter frequentado a escola primária.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Histórias de Vida de Educadores/as Sociais em Pesquisa Narrativa (Auto) Biográfica. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, BIOgraph, v. 5, n. 13, p. 16-23, 2020.

BAHIA, Joana. A “lei da vida”: confirmação, evasão escolar e reinvenção da identidade entre os pomeranos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 69-82, jan./jun. 2001.

BECK, Dinah Quesada. Uniformes escolares: delineando identidades de gênero. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 58, p. 136-150, set. 2014.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; De Luca, Tania Regina (Orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. In: CHARTIER, Roger. **Leitura, História e História da leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2000.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Trad. Heloisa Pimenta Rocha; Vera Gaspar da Silva. Campinas, SP: Alínea, 2017.

FABRE, Daniel (Org.). **Écritures Ordinaires**. Paris Centre Georges Pompidou. Bibliothèque Publique d' Informati3n, 1993. p.11-94

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar: A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Pro-Posições**, v. 16, n. I (46), p. 87-102, jan./abr. 2005.



GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Histórias das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa**. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei (Orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, p. 115-141, jan./jun. 2001.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**, n.15, p.159-176, set/dez. 2000.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

POMPOUGNAC, Jean-Claude. Relatos de aprendizado. In: FRAISSE, Emmanuel; POMPOUGNAC, Jean-Claude; POULAIN, Martine. **Representações e imagens de leitura**. São Paulo: Ática, 1997.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da. PETRY, Marília Gabriela (Org.). **Objetos da Escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar** (Santa Catarina – séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012.

THIES, Vania Grim. Patrimônio do escrito: cadernos de usos não escolares e as contribuições para a cultura escrita. **Revista História da Educação/RHE** (Online), v. 24, p. 01-28, 2020.

VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação como Arqueologia: cultura material escolar e escolarização. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 251-272, jan./abr. 2017.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolares: Uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa Fátima. VALDEMARIN, Vera Teresa (Org.) **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas, São Paulo. Autores Associados, 2005.

VINÃO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n.0, set./dez. 1995.

Recebido em: 20 de agosto de 2019
Aceito em: 12 de novembro de 2020